

<https://doi.org/10.26512/pól.v9i17.27234>

Artigo recebido em: 20/08/2019

Artigo aprovado em: 25/01/2020

Artigo publicado em: 10/02/2020

A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE GADAMER E O PENSAMENTO DE ÉMILE BENVENISTE

a linguagem a partir do funcionamento da língua natural

GADAMER'S PHILOSOPHICAL HERMENEUTICS AND THE ÉMILE BENVENISTE'S THOUGHT

language from the functioning of the natural language

*Paula Furtado Goulart*¹
(paulie.goulart@gmail.com)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a acepção de linguagem para a hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer e para o pensamento de Émile Benveniste. Ambos os pensadores, apesar de pertencerem a tradições diferentes, têm pontos de semelhança e de complementariedade quanto a suas acepções de linguagem. Para atingir tal objetivo, este artigo se divide em três partes: a primeira trata de apresentar a linguagem na acepção gadameriana, a partir da própria linguagem; a segunda consiste na apresentação do pensamento de Benveniste acerca da linguagem, que se coaduna com o gadameriano, mas a partir do funcionamento da língua natural; a última busca retomar os pontos de relação entre ambos os autores acerca da linguagem.

Palavras-chave: Benveniste. Gadamer. Hermenêutica. Linguagem.

ABSTRACT

This article aims to present the meaning of language in Gadamer's philosophical hermeneutics and in Émile Benveniste's thought. Both thinkers, although belonging to different traditions, have similar and complementary points in their views of language. Thus, to achieve this goal, this article is divided into three parts: the first one deals with the presentation of the concept of language in the Gadamerian sense, starting from language itself; the second part consists in a presentation of Benveniste's thought in regard to language, which matches Gadamer's, but starts from the functioning of the natural language; the last part deals with the relationship between these authors concerning language.

Palavras-chave: Benveniste. Gadamer. Hermeneutics. Language.

¹ Doutoranda em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB).
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2446016925105012>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5453-9867>.



1. INTRODUÇÃO

Antes de apresentar e relacionar o pensamento hermenêutico de Gadamer com o de Émile Benveniste – especificamente em relação ao modo como este caracteriza o funcionamento da linguagem, por meio da articulação do que ele chama de sistemas semânticos e semióticos da língua natural –, é necessário fazer algumas considerações. A primeira diz respeito ao que se entende por linguagem; a segunda se refere ao esclarecimento sobre o objeto de estudo da própria hermenêutica.

É importante ressaltar aqui que a hermenêutica não pode se furtar a analisar o papel e as influências da língua natural na conformação da linguagem que a toma como fundamento. Não há dúvidas de que existem linguagens que prescindem de línguas naturais, como a linguagem musical ou a iconográfica, que têm um sistema de signos próprios. A linguagem não se esgota na língua natural, mas a língua natural é elemento essencial na conformação da linguagem, que a hermenêutica – tanto em sua acepção clássica quanto em sua acepção existencial/fenomenológica – investiga: a linguagem enquanto palavra escrita, lida, falada e interpretada.

Nos esclarecimentos sobre o conceito de linguagem, é utilizada aqui a perspectiva hermenêutico-fenomenológica do pensamento gadameriano, que compreende a linguagem enquanto *medium* no qual vivemos, isto é, como o ambiente significativo em que vivemos, e não simplesmente como instrumento à nossa disposição. Em síntese, a partir de tais considerações, o que se pretende aqui é apontar como a linguagem, caracterizada a partir do funcionamento da língua natural ao modo de Benveniste, corrobora e conflui com a perspectiva gadameriana da linguagem. Para tanto, este artigo será dividido em três partes.

A primeira parte consiste na apresentação do conceito e na caracterização da linguagem para a hermenêutica filosófica de Gadamer, contidas nos dois volumes de *Verdade e método*. A segunda consiste na apresentação do pensamento de Benveniste acerca da linguagem por meio da articulação entre o sistema da semiótica e o da semântica, ambos presentes na língua natural em movimento, isto é, na fala e no pensamento. A terceira parte consiste na apresentação de uma caracterização da linguagem ao modo de Gadamer, mas partindo da perspectiva benvenistiniana da língua natural.



2. A LINGUAGEM PARA A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE HANS-GEORG GADAMER: A LINGUAGEM A PARTIR DA PRÓPRIA LINGUAGEM

Para Gadamer, a capacidade para a linguagem – e para o diálogo – é um atributo natural da condição humana e só pode ser exercida plenamente na própria dinâmica dialógica (GADAMER, 2011, p. 243). A relação entre diálogo e linguagem leva ao esclarecimento do próprio conceito de linguagem. É inquestionável que a linguagem, quando identificada totalmente com a língua natural, pode ser codificada e encontrar uma fixação relativa no dicionário, na gramática e na literatura; no entanto, a própria vitalidade, maturação, renovação, todos esses processos da linguagem vivem e se desenvolvem no intercâmbio entre os interlocutores em um diálogo. Em outras palavras, a linguagem vive na realidade social e na interação entre as pessoas (GADAMER, 2011, p. 243).

A perspectiva da linguagem de Gadamer não apenas tira o foco de seu caráter instrumental – de sua associação com os usos da linguagem natural –, mas também destaca sua própria estrutura relacional, significativa e criativa (GADAMER, 2011, p. 176). É assim que o mundo significativo pode ser aberto, desvelado para nós: a partir de onde estamos (HEIDEGGER, 2013, p. 86). Essa perspectiva da linguagem pode ser reconhecida desde o pensamento aristotélico, de quem é a definição de ser humano como aquela possuidor de *logos*. Deve-se notar que o significado aristotélico de *logos* é elemento central para a concepção gadameriana de linguagem, uma vez que, tradicionalmente, *logos* é definido como razão ou racionalidade.

A simples equiparação moderna do *logos* com a razão, a racionalidade foi questionada por Heidegger e por Gadamer (GADAMER, 2011, p. 173). Para ambos, o mais apropriado seria traduzir *logos* por “linguagem”. Assim, o ser humano seria o animal dotado de linguagem e, portanto, dotado de fala:

É de Aristóteles a definição clássica de homem como o ser vivo que possui *logos*. Na tradição Ocidental, essa definição foi canonizada com a forma: o homem é um animal racional [...]. A palavra grega *logos* foi traduzida no sentido de razão ou pensar. Na verdade, a palavra significa também e sobretudo: linguagem [...]. Poder falar significa: poder tornar visível, pela sua fala, algo ausente, de tal modo que também um outro possa vê-lo. O homem pode comunicar tudo que pensa. (GADAMER, 2011, p. 173)

A linguagem é, assim, caracterizada como a essência do ser humano, por meio da qual surge a possibilidade de pensamento, de criação, de comunicação e de



compreensão. Além disso, Gadamer ressalta que a investigação acerca da essência da linguagem não foi ponto central do pensamento moderno filosófico do Ocidente (GADAMER, 2011, p. 175). Isso se deve ao fato de que a investigação filosófica e científica da linguagem priorizou a análise da língua natural, uma parte essencial mas não esgotante da linguagem:

A fundação da filosofia da linguagem e da ciência da linguagem por Wilhelm von Humboldt não representou, contudo, uma autêntica restauração da visão aristotélica. Mas o que definiu aqui o horizonte da pergunta pelo homem e pela linguagem foi apenas admitir no homem uma faculdade e esclarecer o regimento estrutural dessa faculdade – que chamamos de gramática, sintaxe, vocabulário da linguagem. (GADAMER, 2011, p. 175)

Na perspectiva moderna de pensar a linguagem, não é possível penetrar no escopo filosófico no qual a pergunta sobre sua essência está inserida. O foco do pensamento filosófico moderno se restringiu às formas de expressão da linguagem, de modo que o pressuposto do pensamento moderno se tornou evidente e determinante para os modos de tal investigação:

Isso porque no pano de fundo de todo pensamento moderno encontrava-se ainda a definição cartesiana de consciência como autoconsciência. Esse inabalável fundamento de toda certeza, o mais certo de todos os fatos, o fato de que conheço a mim mesmo, tornou-se no pensamento da modernidade o parâmetro para tudo que quisesse satisfazer ao postulado de conhecimento científico. Também a investigação científica da linguagem acabou apoiando-se no mesmo fundamento. [...] Por mais fecunda que pudesse ser a interpretação dessa cosmovisão subjacente aos idiomas, a partir desse princípio não é possível entrever o enigma que a linguagem propõe ao pensamento humano. (GADAMER, 2011, p. 175-176, grifo nosso)

Para Gadamer, o pensamento moderno foi incapaz de pensar a essência da linguagem por estar ligado ao paradigma cartesiano de autoconsciência e ao conhecimento dele derivado, um modelo de matiz científico que não é proveitoso para investigar a linguagem ao modo proposto por Gadamer. Para ele, a essência da linguagem consiste em uma “inconsciência abissal” (GADAMER, 2011, p. 176) de si mesma. Ainda assim, isso não significa que investigar a linguagem por outra perspectiva – além da moderna – resultará, necessariamente, em um completo sucesso na resolução da questão, uma vez que a linguagem é caracterizada justamente por sua inconsciência, isto é, por escapar de si mesma. Isso quer dizer que não será permitido à razão acessá-la de maneira integral e esgotante, não importa de que maneira filosófica seja.

Não se trata de não se poder explicar o implícito, tarefa da hermenêutica; trata-se do reconhecimento da limitação da razão, que falha em explicar o implícito de uma maneira que o esgote. De fato, em geral a hermenêutica é precisamente isso:

**A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE GADAMER E O PENSAMENTO DE
ÉMILE BENVENISTE
a linguagem a partir do funcionamento da língua natural**



tornar visível o que antes não estava. Gadamer reconhece apenas a limitação da razão para acessar, especificar e fixar um único significado a cada palavra – como se cada palavra fosse unívoca e instrumental. Não apenas a realidade sociopolítica e histórica muda, como também os usos da linguagem natural; ademais, os interlocutores não permanecem os mesmos, pois estão em constante transformação. Por essas razões, a linguagem, que surge no movimento da vida, é tão rica, ambígua e sempre pode expressar mais do que o explícito. Sua polissemia não é um problema, mas um mecanismo que lhe permite se atualizar, se adaptar. É por isso que novas palavras surgem; é por isso que palavras antigas são atualizadas e adquirem novos significados. Essa é a razão pela qual a interpretação é possível.

O pensamento que investiga a linguagem o faz por meio da linguagem natural. Como a linguagem natural não é capaz de esgotá-la, de exauri-la, não é possível que o pensamento a revele para além do que o uso racional e consciente da linguagem permite. Observa-se que isso não significa que o conhecimento sobre a linguagem não seja capaz de aumentar, mas apenas que esse alargamento não é capaz de compreendê-la completamente:

O verdadeiro enigma da linguagem, porém, é que isso jamais se deixa alcançar plenamente. Todo pensar sobre a linguagem, pelo contrário, já foi sempre alcançado pela linguagem. Só podemos pensar dentro de uma linguagem e é justamente o fato de que nosso pensamento habita a linguagem que constitui o enigma profundo que a linguagem propõe ao pensar. (GADAMER, 2011, p. 176)

Segue-se, então, que a linguagem não pode ser identificada simplesmente como instrumento capaz de nos fornecer a comunicação humana no mundo, porque nos escapa: “Não representa um terceiro instrumento, ao lado do signo e da ferramenta – embora esses dois certamente façam parte de uma caracterização essencial do homem” (GADAMER, 2011, p. 176).

A linguagem, que não é confundida com a língua natural, não é um instrumento. Por mais que dominemos os recursos da língua natural, como vocabulário, estruturas gramaticais e até figuras de estilo, eles nos dão apenas a ilusão de dominarmos a linguagem por meio de seu alcance consciente e racional. O fato de podermos pegar muita água no mar não significa que dominamos o oceano.

Não há dúvida de que a linguagem natural é um meio possível de acessar e usar a linguagem. O que Gadamer observa é que não temos outra maneira de pensar e de nos comunicarmos para além da linguagem, seja a mediada pela língua natural, seja a medida por outro tipo de código subjacente.



Esse fato implica a possibilidade da existência e da produtividade da própria hermenêutica em revelar o que estava implícito. Se linguagem e língua natural se equiparam e são unívocas, não há possibilidade de hermenêutica, isto é, de interpretação. Para meus leitores céticos, proponho o seguinte: se fosse possível fazer uma análise combinatória de todas as construções da linguagem natural de determinada língua, com suas regras gramaticais e sintáticas, o resultado não esgotaria as possibilidades de criação de sentido da linguagem. Isso se deve não apenas ao fato de os usos e significados das palavras mudarem e poderem ser conformados de maneiras inesperadas, mas também ao fato de que a linguagem se permite expressar mesmo violando as regras gramaticais. Daí o elogio à poesia de tantos filósofos da tradição quanto a sua próxima relação com a linguagem, como Gadamer, mas também como Heidegger e Hölderlin.

Ante todas essas explicações sobre a linguagem como algo que pode se manifestar além dos meios de acesso a ela – no caso, o meio da língua natural –, Gadamer indica três elementos para sua caracterização, embora não a tenha definido expressamente. O primeiro elemento caracterizador consiste no “esquecimento essencial de si mesma” (GADAMER, 2011, p. 178), o segundo é a necessidade de mais de um “eu” para que a língua falada possa ocorrer, e o terceiro se refere à universalidade da linguagem (GADAMER, 2011, p. 180).

107

Em relação ao primeiro elemento característico da linguagem, deve-se dizer que a linguagem, ao viver, ou seja, como linguagem falada, não nos permite ter consciência de sua estrutura, dada pelas regras da linguagem subjacente. Quando em uma situação de diálogo, os sujeitos que têm pleno domínio de uma língua a utilizam automaticamente, ou seja, inconscientes, sem refletirem sobre o uso de cada nova palavra. Por isso a existência de situações corriqueiras que acarretam o uso de expressões como “falei mais do que deveria” ou “me desculpe, deixei escapar”, dentre outros possíveis exemplos:

A concretização efetiva da linguagem faz com que essa desapareça detrás daquilo que nela se diz. [...] Quanto mais vivo o ato de linguagem, tanto menos consciência temos dele. Assim, o esquecimento de si próprio da linguagem nos mostra que o seu verdadeiro significado é o que se diz, o que constitui o mundo comum, onde vivemos. (GADAMER, 2011, p. 179)

A linguagem em ação, portanto, promove um esquecimento de si mesma no sujeito que a fala. O isolamento artificial da enunciação de uma sentença fora de um diálogo não serve para uma oposição a tal ideia. Certamente, nessa hipótese, teríamos o uso consciente da língua natural, mas essa não é uma hipótese pertinente, porque não se trata de uma



situação verdadeiramente dialógica; nela não há a inconsciência da enunciação da frase no contexto, porque não há uma situação dialogal subjacente. É por isso que Gadamer reitera:

Se concebermos o fenômeno da linguagem não a partir do enunciado isolado, mas a partir da totalidade de nosso comportamento no mundo, o qual é por sua vez também uma vida em diálogo, poderemos compreender melhor por que o fenômeno da linguagem é tão enigmático, atrativo e fugidio. (GADAMER, 2011, p. 233)

A segunda característica essencial do ser da linguagem é a necessidade de haver pelo menos dois sujeitos para que ele possa existir. Isso é o que Gadamer chama de “ausência de um eu”. Isso significa que “quem fala uma língua que ninguém mais compreende simplesmente não fala. Falar significa falar a alguém. A palavra quer ser palavra que vai ao encontro de alguém” (GADAMER, 2011, p. 179).

A linguagem pertence à esfera do “nós”, isto é, depende do diálogo entre os sujeitos que falam. “Em todo diálogo, porém, vige um espírito, bom ou mau, espírito de enrijecimento e paralisação ou um espírito de comunicação e intercâmbio fluente entre eu e tu.” (GADAMER, 2011, p. 180) Essa característica, de fato, é uma condição para a possibilidade da própria linguagem; exigem-se dois sujeitos para que possa emergir, por meio do diálogo, um atributo natural da condição humana. “A linguagem apenas se dá no diálogo.” (GADAMER, 2011, p. 243)

O que é necessário para o diálogo é a efetiva compreensão e comunicação entre seus interlocutores, mesmo que mediada, como no caso de um escritor ou artista. A estrutura dialógica também inclui a eventual fixação da linguagem em textos escritos ou em obras de arte, porque “[...] tudo isso vive da troca viva entre seus interlocutores” (GADAMER, 2011, p. 243).

A terceira característica da linguagem consiste em sua universalidade, que se desdobra de duas maneiras: a primeira consiste na relação entre o que se pensa e o que pode ser dito, e a segunda consiste na infinitude do diálogo (GADAMER, 2011, p. 180), tendo em vista que um diálogo pode sempre ser retomado. Do primeiro aspecto da universalidade decorre o fato de que a linguagem pode ser definida como uma força geradora e criativa (GADAMER, 2011, p. 242). Para ilustrar tal ideia, Gadamer retoma o dito francês “*l'appétit vient en mangeant*” – “o apetite vem em se comendo” (tradução livre). Nesse sentido, também se poderia dizer que “*l'idée vient en parlant*” – “as ideias vêm em se falando” (KLEIST, 2008, p. 75). Em outras palavras, as ideias surgem espontaneamente na fala, a partir da força criativa da linguagem.



Os três elementos que caracterizam a linguagem, ou seja, o autoesquecimento de si, a necessidade de alteridade – a presença de um outro – e a universalidade, também caracterizam o diálogo. Linguagem e diálogo para a filosofia hermenêutica de Gadamer são conceitos intrinsecamente relacionados, pois, em uma situação dialógica, é necessário haver abertura à perspectiva da alteridade. Finalmente, a universalidade da linguagem é combinada com a estrutura dialógica, na medida em que o diálogo contém em si a inesgotabilidade do que a linguagem pode dizer.

3. A LINGUAGEM PARA O PENSAMENTO DE BENVENISTE: A LINGUAGEM A PARTIR DA LÍNGUA NATURAL SUBJACENTE

Para Benveniste, a língua natural e a sociedade em que ela emerge possuem uma relação recíproca de constituição contínua. Ao mesmo tempo em que uma língua surge do consenso capaz de estabelecer um sistema de regras e de signos aptos a permitir a faculdade de linguagem e do diálogo de seus indivíduos, ela se torna capaz de influenciar a própria sociedade. “Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra.” (BENVENISTE, 2005, p. 31)

Note-se que nem toda linguagem terá como base uma língua natural, já que existem outros conjuntos organizados de signos intersubjetivos que não são a língua natural, mas que são capazes de fundar uma linguagem. Daí a linguagem gráfica, musical, iconográfica etc. Em se tratando da linguagem fundada em língua natural, pode-se dizer que ela se “[...] realiza sempre dentro de uma língua, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular” (BENVENISTE, 2005, p. 31).

Para Benveniste, a língua natural possui uma dupla estrutura que, em articulação no momento do diálogo, permite-a ser fonte inesgotável de significados – condição necessária à interpretação. A fim de explicar como a língua natural funciona para que a linguagem, na acepção gadameriana, possa se justificar, começarei a explicação do pensamento de Benveniste por meio da elucidação dos sistemas da semântica e da semiótica.

Em linhas gerais, o sistema da semântica, em conjunto com o sistema da semiótica, permite a utilização da linguagem tal qual fazemos, de maneira a se coadunar com a acepção gadameriana do termo. Sobre o sistema semiótico, interessa apontar as seguintes características: tudo o que é de seu domínio tem por critério necessário e suficiente seu pertencimento formal ao interior e no uso articulado da língua.



Os signos são as unidades mínimas do sistema semiótico, que entram “numa rede de relações e de oposições com outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua” (BENVENISTE, 2006, p. 227). Em outras palavras, o âmbito do sistema semiótico é o âmbito intralinguístico, o que confere à linguagem um caráter formal e fixo, que nos permite saber se determinado signo pertence ou não à língua, bem como saber a ocasião adequada de seu uso.

A partir dessa primeira aproximação, decorrem duas características essenciais ao sistema semiótico, as quais fazem especial contraste com o sistema semântico. O sistema da semiótica não tem como objeto a relação dos signos com as formas denotadas, nem as relações entre a língua e o mundo. A semiótica trata a língua como um sistema formal, composto pelos signos enquanto unidades mínimas que se definem entre si, a partir da forma como se relacionam. Ademais, é preciso esclarecer que o signo tem caráter genérico, conceitual e abstrato. Isso significa dizer que ele não admite significado particular, referente a algo específico no mundo, nem uma definição a partir do contexto (BENVENISTE, 2006, p. 228).

Dado o caráter formal e abstrato do sistema semiótico, o que o signo significa, em termos de conteúdo, não pode ser definido apenas nesse sistema (BENVENISTE, 2006, p. 227). Não compete ao sistema semiótico fixar o significado de um signo, mas sim ao sistema semântico. O sistema semiótico fixa apenas as formas da língua e a maneira pela qual elas podem se relacionar.

Assim, para que um signo exista dentro de uma estrutura semiótica, é suficiente e necessário que ele seja aceito enquanto tal e se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos (BENVENISTE, 2006, p. 227). O sistema semiótico apenas informa se tal signo tem um significado ou não dentro da língua, isto é, se é reconhecido como signo e, assim, se há a possibilidade de ele significar alguma coisa a partir da articulação com o sistema semântico.

Por sua vez, o sistema semântico, a partir do sistema fixo da semiótica, refere-se à língua natural em ação, por meio da qual é possível nos relacionarmos entre nós e com o mundo, além de organizarmos nossa vida cotidiana, social e pessoal. É o sistema semântico que permite à língua ser instrumento da descrição, do pensamento e da comunicação (BENVENISTE, 2006, p. 229).

É no sistema semântico que temos a palavra, a frase e a produção do discurso. Os signos, formais e abstratos, transformam-se em palavras quando são utilizados por um locutor que intenciona seu significado material dentro do discurso, proferido a partir de dado lugar no mundo e no tempo presente:



Não se trata mais, desta vez, do significado do signo, mas do que se pode chamar de “intencionado”, *do que o locutor quer dizer, da atualização linguística de seu pensamento*. Do semiótico ao semântico há uma mudança radical de perspectiva: todas as noções que passamos em revista retornam, mas outras e para entrar em relações novas. (BENVENISTE, 2006, p. 229, grifo nosso)

A atualização do sistema semiótico se refere a seu preenchimento de significado a partir da intenção do locutor que profere os signos – agora, *palavras* em um discurso e em uma relação com o mundo. Assim, o sistema semântico resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação e em interação com o mundo e com outros locutores, de maneira a imbuir o signo de significado e a constituí-lo enquanto palavra.

O signo, que funda a realidade formal da língua, por ser a menor unidade do sistema semiótico, não encontra nenhuma aplicação particular, porque ainda não tem semântica. Por sua vez, no sistema semântico, a frase, composta por no mínimo uma palavra, aplica-se diretamente a uma situação particular. É por meio da semântica que a semiótica pode se relacionar com as coisas extralinguísticas e ter um conteúdo significativo a cada vez que é proferida: “enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor” (BENVENISTE, 2006, p. 230).

No sistema semântico a menor unidade significativa é a palavra, enquanto que a maior é o discurso, composto de frases que, por sua vez, compõem-se de palavras. O sentido da frase é a ideia que ela exprime formalmente por meio da língua, isto é, pelas palavras, pela organização sintática e pela ação que os termos exercem uns sobre os outros:

Uma frase participa sempre do aqui e do agora; algumas unidades do discurso são aí unidas para traduzir uma ideia interessante, a de um certo presente de um certo locutor. Toda forma verbal, sem exceção, em qualquer idioma que seja, está sempre ligada a um certo presente, portanto a um conjunto cada vez único de circunstâncias, que a língua enuncia de maneira específica. (BENVENISTE, 2006, p. 230, grifos nossos)

O sistema semântico se relaciona intimamente com o tempo presente, o que significa que ele depende de um locutor e de um contexto fático para produzir sentido. A constituição do sentido de uma frase difere do sentido das palavras que a compõem. O mesmo pode ser dito quanto ao discurso: o sentido do discurso difere do sentido individual das frases que o compõem. Para Benveniste, enquanto o sentido de uma frase é a ideia que exprime, o sentido de uma palavra é seu uso (BENVENISTE, 2006, p. 231). Essa situação é



fácil de ser constatada ordinariamente quando, por exemplo, apesar de entendermos os sentidos individuais de um conjunto de palavras, não entendemos o sentido da mensagem, porque dita fora de um contexto que conhecemos.

O descompasso apresentado pelo exemplo acima dado ocorre porque o sistema semântico – que tem estrita relação de abertura para o mundo – requer para sua produção de sentido o referente, “que, independentemente do sentido, [...] é o objeto particular a que a palavra corresponde no caso concreto da circunstância ou do uso” (BENVENISTE, 2006, p. 231).

A ideia evoca as palavras a serem usadas a fim de expressar, naquele contexto, um sentido particular. Nesse ponto, a intuição de Schleiermacher (1999, p. 93-94, 97) na busca pela individualidade do autor por meio de seu discurso e do uso de suas palavras é corroborada. Contudo, se para Schleiermacher era possível descobrir por meio da razão e das técnicas de interpretação a motivação originária que fez o autor escolher determinadas palavras, tanto para Benveniste quanto para Gadamer tal pretensão é absolutamente impossível ante a irrepetibilidade e intangibilidade total de cada contexto e de cada momento em que os signos emergem como palavras, no momento dialogal:

112

Se o sentido da frase é a ideia que ela exprime, a referência da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar. Na maior parte dos casos, a situação é condição única, cujo conhecimento nada pode suprir. *A frase é então cada vez um acontecimento diferente; ela não existe senão no instante em que é proferida e se apaga nesse instante; é um acontecimento que desaparece.* (BENVENISTE, 2006, p. 231, grifo nosso)

Enquanto o sentido de uma frase depende estritamente das condições e do contexto em que foi enunciada, o sentido de uma palavra reside em “sua capacidade de ser integrante de um sistema particular e de preencher uma função proposicional” (BENVENISTE, 2006, p. 232). A partir dessa consideração, podemos repensar o conceito de polissemia, que é comumente malvisto tanto na filosofia da linguagem quanto na acepção clássica de hermenêutica – para a qual a hermenêutica serviria justamente para desfazer passagens obscuras e polissêmicas.

A polissemia de uma palavra, na perspectiva de Benveniste, é a constatação de seus mais diversos usos habituais, a depender do contexto em que é proferida. Tal fenômeno ocorre com todas as palavras. Não é por outro motivo que temos não só a possibilidade de dicionários, mas, sobretudo, a eficiência da linguagem em sua função comunicativa e narrativa.



O mesmo signo pode ser preenchido de diversos significados, conforme seu emprego.

É precisamente pela conjugação entre o sistema semiótico e o semântico em ação que, apesar de termos um só signo, podemos ter concomitantemente diversas palavras, cada uma com um referente e com um contexto pressuposto distintos. A mensagem, isto é, o sentido a ser compreendido, é organizada pelo agenciamento das palavras que formam um conjunto unitário de sentido, o qual será determinado, por sua vez, em relação ao contexto de situação.

Não nos esqueçamos de que as palavras, unidades mínimas do sistema semântico, são formalmente os signos do sistema semiótico, que só se realizam enquanto palavras quando empregados numa situação particular – e efêmera – de discurso (BENVENISTE, 2006, p. 233). O contexto em que as palavras são proferidas e, portanto, a estrutura dialogal são assim fundamentais também para o sistema semântico do pensamento de Benveniste.

A cada vez que nos colocamos em um diálogo, a língua natural é colocada em funcionamento por um ato individual e dentro de uma lógica de correspondência entre os interlocutores. Para Benveniste (2006, p. 82), tal fenômeno é chamado de “enunciação”, que instaura todas as condições que formam o que se chama de contexto, sejam elas temporais, espaciais, pessoais etc.

Na enunciação, cada um se determina como sujeito-locutor em relação a outro sujeito-locutor. Todavia, a enunciação não é apenas um ato individual; ao contrário, o que caracteriza a enunciação, bem como a produção de discurso, é o caráter relacional com o interlocutor, “[...] seja ele real, seja ele imaginário, individual ou coletivo” (BENVENISTE, 2006, p. 87). Em outras palavras, a existência de alguém em uso da língua implica o reconhecimento da existência de uma alteridade (BENVENISTE, 2006, p. 84).

Dessa maneira, além de a enunciação pressupor uma alteridade, é possível traçarmos o esquema da enunciação a partir da existência de dois locutores em relação, ou melhor, de dois interlocutores “eu/tu” de onde o discurso emana e para onde o discurso se dirige e retorna. Em outras palavras, a enunciação só é possível dentro da estrutura de diálogo, na qual os interlocutores são alternativamente protagonistas na enunciação e no silêncio (BENVENISTE, 2006, p. 87).

A língua em ação – ou seja, a linguagem – se mostra, assim, ao mesmo tempo como expressão mais pessoal de cada indivíduo e fundação de uma realidade supraindividual, objetivável e coextensiva a todas as coletividades. Por estar situada no âmbito semântico, a enunciação estabelece a relação entre a linguagem e o mundo por meio do reconhecimento comum a ambos os interlocutores do referente. Assim, a referência ao mundo, isto é, o compartilhamento de um contexto, não só é elemento necessário



da enunciação, como permite também o intercâmbio nas posições de fala entre os interlocutores. Conforme Benveniste explica:

A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de se referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. (BENVENISTE, 2006, p. 84)

Por “mobilização” podemos entender o fato de que cada signo é alocado para o uso, de maneira a adquirir um significado semântico por poder ter um referente assinalável apenas em uma situação discursiva. Como já fora dito, enquanto realização individual, a enunciação pode ser definida em relação à língua como um processo de apropriação do sistema semiótico para sua semantização. Em termos práticos, “o locutor se apropria do aparelho formal da língua, e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos de um lado e por meio de procedimentos acessórios de outro” (BENVENISTE, 2006, p. 84).

Para que a comunicação exista, é preciso que partilhemos minimamente de algum tipo de código de signos, no caso, a língua natural. O fato de estarmos imersos em uma língua natural comum significa a possibilidade da fusão de horizontes pela linguagem e pela compreensão, com o estabelecimento de um consenso, mas também a comunhão de um mesmo sistema de organização da realidade. A linguagem reproduz a realidade, isto é, a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem, porque aquele que fala faz renascer por seu discurso sua experiência do acontecimento. Por sua vez, aquele que o ouve compreende o discurso, e a experiência vivida pelo primeiro se torna acontecimento reproduzido – e existente – para o segundo.

Note-se que o conteúdo do discurso que deve ser transmitido é o pensamento que se amolda, que é configurado pela própria estrutura formal linguístico-discursiva (BENVENISTE, 2005, p. 26-27). O exercício da linguagem em sua função de comunicação intersubjetiva permite assim a criação da realidade no tempo presente para o sujeito que a enuncia, e sua partilha recriada para o locutor-ouvinte (BENVENISTE, 2005, p. 26) e para o locutor-leitor.

Portanto, depreende-se da estrutura proposta por Benveniste que não poderia haver pensamento sem linguagem, e que aquele precisa desta para que se torne inteligível e comunicável. De outra maneira, é apenas pela linguagem e sua estrutura que o pensamento pode emergir. Não há pensamento anterior à linguagem. Sendo assim, Benveniste partilha do pressuposto essencial comum ao pensamento de Heidegger e de Gadamer, para quem *logos* deve ser entendido como “linguagem”, em vez de “razão”:



O linguista por seu lado estima que não poderia existir pensamento sem linguagem e que, por conseguinte, o conhecimento do mundo é determinado pela expressão que ele recebe. *A linguagem reproduz o mundo, mas submetendo-o a sua própria organização. Ela é logos, discurso e razão juntos, como viram os gregos. E isso pelo próprio fato de ser linguagem articulada, consistindo num arranjo orgânico de partes, de uma classificação formal dos objetos e dos processos.* (BENVENISTE, 2005, p. 26, grifo nosso)

A comunhão mínima das formas linguísticas, de um repertório vocabular comum, da mesma sintaxe de enunciação e, assim, da mesma maneira de organização do conteúdo do pensamento são pressupostos para que o diálogo se desenvolva e, assim, a comunicação logre êxito. O diálogo e seu par oposto “eu/tu”, indivíduo e alteridade, “[...] não são mais termos contraditórios, mas termos complementares” (BENVENISTE, 2005, p. 27) na produção do sentido em comum. Assim, além da aceção de *logos*, Benveniste se coaduna com Gadamer acerca da necessidade de uma estrutura dialogal e de alteridade para que a linguagem possa ser linguagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem é um fenômeno que pode ser apresentado e esclarecido de muitas formas. Hans-Georg Gadamer e Émile Benveniste são dois pensadores de tradições distintas que trataram, em suas obras, de tal fenômeno. Ainda que a relação entre ambos, em um primeiro momento, não seja óbvia, à medida que entendemos seus pressupostos é possível notar que partilham de aceções complementares e semelhantes acerca da linguagem e do diálogo.

O pensamento gadameriano aborda a linguagem por meio de uma descrição fenomenológica; para tanto, ele esclarece que a linguagem deve ser retomada com seu sentido mais originário (aristotélico), qual seja, *logos*. Assim, a linguagem é não só uma faculdade, mas, antes, uma condição humana. Ser-para-a-fala é próprio da condição humana. Essa retomada enseja a reflexão acerca da essência da linguagem, que parece transcender sua simples equiparação à língua natural.

Gadamer coloca em evidência e questionamento o paradigma que na modernidade, considerada a partir de Descartes, guiou a investigação filosófica acerca da linguagem: o paradigma da consciência enquanto autoconsciência. Nesse sentido, *logos* significa “razão”, e a linguagem nada mais é do que uma de suas faculdades. A linguagem,



enquanto instrumento, estaria à disposição da razão. Dessa forma, a linguagem foi equiparada às línguas naturais e às formas objetivas decorrentes de sua expressão.

É em oposição a essa perspectiva que Gadamer se posiciona ao propor que se investigue a essência da linguagem não como mero instrumento, mas como marca da condição humana. Para Gadamer, não estamos fora da linguagem; ao contrário, ela é o meio em que habitamos, na medida em que vivemos em relação com um mundo significativo. Para ele, há uma clara distinção entre língua natural e linguagem. Língua natural são os idiomas, isto é, conjuntos de signos e de regras que se relacionam entre si. Os sistemas de signos e, em particular, a língua natural são fundamentais para a linguagem, sem, contudo, esgotarem-na.

A linguagem para Gadamer é um fenômeno que ultrapassa a língua natural, de maneira a ser responsável pela criação da realidade significativa e, sobretudo, compartilhável. A linguagem só pode ser linguagem se estiver em ação, isto é, se estiver em diálogo. A palavra sempre se dirige a alguém. Apesar de não definir linguagem expressamente, ele a caracteriza por meio de três elementos, como foi visto.

A distinção clara entre língua e linguagem, a retomada de *logos* como “linguagem” e a necessidade da estrutura dialogal, além das características da linguagem por ele elencadas, são os pontos de relação com o pensamento de Benveniste. Assim, os parágrafos seguintes tratam de apresentar o desenvolvimento de cada um desses pontos de ligação entre ambos os pensadores, de maneira a iluminar suas semelhanças e ideias complementares.

A distinção clara entre língua e linguagem é ponto de comum acordo entre ambos. Ao passo que Gadamer investiga a linguagem a partir da própria linguagem, enquanto fenômeno que articula a abertura da consciência para as relações significativas do mundo, Benveniste investiga a linguagem a partir da língua natural, de maneira a elucidar como é possível à linguagem ser linguagem da maneira como Gadamer a caracterizou. Ambos os autores têm claro que a língua natural não esgota a linguagem, e ambos são complementares porque partilham da mesma acepção da linguagem, e suas investigações partem de lugares distintos: Gadamer parte da própria linguagem e Benveniste, da língua natural que a subjaz.

Por partilharem da mesma acepção de linguagem, ambos os autores relacionam a linguagem com o diálogo. Para Gadamer, a linguagem só pode ocorrer no diálogo, na medida em que a palavra dita é enviada a alguém – quem fala fala a alguém. É no fenômeno dialético da comunicação que é possível à linguagem cossignificar o mundo partilhado e cocriar a realidade vivida.

A língua natural utilizada pelos interlocutores não é descartável. Cada diálogo entre duas ou mais pessoas é sempre um novo diálogo, ainda que se usem



as mesmas palavras. Assim, se Gadamer ressalta a historicidade da linguagem, Benveniste esclarece como isso é possível a partir da descrição do funcionamento da língua natural, por meio da articulação entre o sistema da semântica e da semiótica e entre eles e o mundo e o contexto.

O sistema semiótico é fixo, formal e intrarrelacional; é o conhecimento mínimo que ambos os interlocutores devem ter para poder haver comunicação por meio da linguagem baseada em uma língua natural. O sistema semântico é o que confere significado aos signos do sistema semiótico, de forma a transformá-los em palavras. Sendo assim, o pensamento benvenistiano acerca da linguagem complementa o gadameriano, na medida em que o explica a partir do aspecto da língua natural.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes Editores, 2006.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 14 ed. Petrópolis, RJ/Bragança Paulista, SP: Vozes/Edusf, 2014.

_____. *Verdade e método II: complementos e índice*. 6 ed. Petrópolis, RJ/Bragança Paulista, SP: Vozes/Edusf, 2011.

HEIDEGGER, Martin. *Ontologia (hermenêutica da faticidade)*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

KLEIST, Heinrich von. Da elaboração progressiva dos pensamentos na fala. *Floema*, ano IV, n. 4A, out. 2008, p. 75-80.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

